



Recebido em 01/06/2020

Aceito em 31/08/2020

DOI: 10.26512/emtempos.v1i37.31872

DOSSIÊ

Maria Madalena no cinema: os filmes épicos bíblicos e a cinebiografia de 2018

Mary Magdalene in the cinema:
the biblical epic films and the biopic of 2018

Talita Von Gilsa

Mestranda em História do Tempo Presente na UDESC

orcid.org/0000-0002-7293-6807

talita.vongilsa@gmail.com

RESUMO: Este artigo busca identificar como a personagem Maria Madalena é representada nos filmes épicos bíblicos, *O Rei dos Reis* (1961) e *A Maior História de Todos os Tempos* (1965). Em ambos, Maria Madalena é personagem coadjuvante, mas as atrizes que a interpretaram tem lugar de destaque nas revistas de cinema e jornais brasileiros do período. O olhar dedicado a essas produções, se dá devido à cinebiografia de Maria Madalena, lançada em 2018, dirigida por Garth Davis, onde há quebra de uma narrativa dominante sobre a personagem. Diante disso, há o objetivo de comparar as escolhas de representação da personagem nos dois filmes, buscando traçar paralelos com o filme de 2018.

PALAVRAS-CHAVE: Maria Madalena. Cinema Épico Bíblico. Representação das Mulheres.

ABSTRACT: This article seeks to identify how the character Mary Magdalene is represented in the biblical epic films, *King of Kings* (1961) and *The Greatest Story Ever Told* (1965). In both, Mary Magdalene is a supporting character, but the actresses who played her have a prominent place in Brazilian cinema magazines and newspapers of the period. The look dedicated to these productions is due to the biopic of Mary Magdalene, launched in 2018, directed by Garth Davis, where there is a break in a dominant narrative about the character. Given this, there is the objective of comparing the character representation choices in the two films, seeking to draw parallels with the 2018 film.

KEYWORDS: Mary Magdalene. Biblical Epic Films. Women Representation.

Introdução

O filme *Maria Madalena* (2018) é uma cinebiografia¹ sobre a personagem, que traz uma narrativa inovadora ao considerar Maria Madalena uma figura forte dentro do movimento iniciado por Jesus Cristo. Dirigido pelo diretor australiano Garth Davis, foi produzido pela See-Saw Films e Porchlight Films, e distribuído pela Universal Pictures. Maria Madalena é interpretada pela atriz Rooney Mara, e Jesus Cristo por

¹ As cinebiografias, ou *biopics*, em inglês, são filmes biográficos que abordam a vida de alguma personalidade da História, seja ela conhecida midiaticamente ou não. É uma produção que segue uma linha dramática, abordando eventos sociais que circundaram a vida daquela personagem, e fatos históricos documentados (INGLIS, 2007).

Joaquin Phoenix, Irit Sheleg interpreta Maria de Nazaré. A narrativa deste filme atribui à personagem Maria Madalena, espaço dentro de um círculo de conhecimento que majoritariamente pertencia aos apóstolos homens. O filme rompe com algumas narrativas que estão presentes nos filmes abaixo.

O Rei dos Reis (1961) é um épico bíblico que foi dirigido por Nicholas Ray, e produzido pela Samuel Bronston Productions. Neste filme, Maria Madalena é interpretada pela atriz Carmen de Sevilla, Maria de Nazaré por Siobhan McKenna, e o ator Jeffrey Hunter interpreta Jesus Cristo. Tanto *O Rei dos Reis* (1961) como *A Maior História de Todos os Tempos* (1965), foram distribuídos pela Metro Goldwyn Meyer (MGM), na maioria dos países. O filme de 1965, também de caráter épico, como o próprio título já aponta, foi produzido pela produtora de George Stevens, que também o dirigiu. Conta com o ator sueco Max Von Sydow², interpretando Jesus de Nazaré, Dorothy McGuire como a Virgem Maria, e Joana Dunnham no papel de Maria Madalena. Gravado em regiões desérticas dos Estados Unidos, envolveu um grande número de atores e figurantes (IMDB, *Rei dos Reis*; IMDB, *A maior História de Todos os Tempos*; WIKIPEDIA, 2020b).

A proposta desse artigo é analisar aspectos das versões fílmicas sobre a vida de Jesus em que Maria Madalena é personagem, lançadas em 1961 e 1965. Contrapondo com a narrativa sobre a personagem desenvolvida no filme *Maria Madalena* (2018). Algumas autoras e autores, contribuem, com suas perspectivas, para a construção do trabalho, é o caso do livro *Teoria King Kong*, escrito por Virginie Despentes, que ao criticar a forma de representação das mulheres e do feminino contribui para que se pensem outras maneiras de fazê-lo; os conceitos de Reinhart Koselleck (2006), *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa*, identificam a inserção da pesquisa na área de história do tempo presente, permitindo que se pense as ressignificações da personagem Maria Madalena através do tempo, e as conexões entre tempos distintos. Os estudos de representação social, por meio do texto de Denise Jodelet (2002), permite que se entendam as representações como a forma que em conjunto, os seres humanos definem e interpretam aspectos da vida, elaborando versões da realidade que tem significações e definições que podem gerar conflitos com a de outros grupos, construindo uma dinâmica de trocas e novas ações.

Uma personagem, muitas representações

O gênero épico bíblico caracteriza-se pela forma espetacular com que narra a respeito de uma personagem e seu contexto. Tornando aquela história monumental, criando personagens absolutos, mesmo trabalhando com pessoas humildes. Tem histórias e personagens citados na Bíblia, por mais que não necessariamente essa seja a narrativa como ponto de partida. Este gênero teve maior florescimento em Hollywood nas décadas de 1950 e 1960, sendo justamente pensado como forma de atrair público ao

² Foi um ator sueco que participou de mais de cem filmes e séries, inclusive em narrativas sobre o medievo, ou outros períodos históricos. Em *O Sétimo Selo* (1956), dirigido por Ingmar Bergman, interpreta um cavaleiro cruzado que volta para a sua terra natal, é lembrado pela sequência em que o personagem joga xadrez com a Morte. Faleceu aos 90 anos de idade, em 8 de março de 2020. (G1, 2020)

cinema. Algumas produções fizeram grande sucesso, com ampla audiência e lucro, outras nem tanto. É o caso de *A Maior História de Todos os Tempos*, com gasto de US\$ 20 milhões, a bilheteria não ultrapassou os US\$ 7 milhões (VÁDICO, 2012).

Os filmes sobre o Novo Testamento, se concentram na figura de Jesus. Abordam a região da Palestina, e os milagres realizados por ele (VÁDICO, 2012). Nessas produções, Maria Madalena é personagem coadjuvante, está presente em alguns momentos, mas de forma significativa.

O olhar da direção, produção e roteiro, tendencialmente apontam para um padrão feminino, em que a personagem de Maria Madalena sempre foi jovem e atraente, servindo como justificativa para a sedução colocada aos homens, daí a associação da personagem à ideia de pecado.

Virginie Despentes, no livro “Teoria King Kong” (2016), aponta diferentes possibilidades para o feminino enquanto representação, inclusive, distintas do “ideal mocinha”, enquanto padrão. Quando se pensa nesta forma comum de representar Maria Madalena no cinema, pode-se reivindicar de que outras formas isso poderia ser feito. A personagem poderia ser representada como idosa, como mulher adulta que não está mais no período reprodutivo, ou que possui boa posição financeira a ponto de auxiliar na manutenção de Jesus e os demais apóstolos³. A ideia de que Maria Madalena tenha sido uma mulher de posses, está de acordo com os estudos arqueológicos feitos pelo Instituto Magdala, apontados pela pesquisadora Jennifer Ristine (BLANCO, 2018).

Os filmes épicos religiosos também reproduzem as narrativas relacionadas ao catolicismo tradicional, que historicamente não permitiram às mulheres ocupar espaços de poder mais altos dentro da hierarquia da instituição. As interpretações sobre o feminino, de doutores da Igreja Católica, que vem sendo gestadas na Antiguidade e continuam durante o Medievo e a modernidade, veicularam uma concepção do feminino como “perigoso”, que enfeitiçava os homens e precisava ser controlado. Essa interpretação está presente nesses filmes sobre a vida de Jesus. Isso corrobora para determinadas interpretações teológicas que veiculam a ideia de perigo ao feminino, e da sedução como pecado porque compromete os sentidos do homem. Destacam-se as concepções de Tertuliano (160-220), Jerônimo (342-420) e Agostinho (354-430), em que prevalece a ideia da mulher como uma “sedutora” por natureza, a defesa da virgindade como princípio moral, e a concepção da mulher como condutora do pecado original, por ser descendente de Eva (SIQUEIRA, 2003).

Percebidas dessa forma, às mulheres é atribuída a noção de “pecado”, e/ou a inversão da ordem sexual ou comportamental (LARANJEIRA, 2011). Compreender a interpretação de Gregório I (540-604) sobre a figura de Maria Madalena, que aproximando personagens que teriam cometido algum tipo de “pecado” junto àquela “da qual haviam saído sete demônios” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 1943), foi uma constatação simples diante desta tradição de pensamento.

³ Esta questão, na verdade, é apontada no Evangelho de Lucas 8: 1-3. “Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios, Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes, Suzana e muitas outras, que o serviam com seus bens”. (BÍBLIA DE JERUSALÉM, p. 1943)

Diante disso, é reforçada a ideia do arrependimento de Maria Madalena e estabelecido um uso sobre a representação da personagem associada ao lugar de constante sofrimento em virtude de ser perdoada por seus “pecados”. A figura de Jesus Cristo passa a ser enaltecida em detrimento da trajetória de Maria Madalena, que mesmo tendo sido a testemunha da sua ressurreição e da mensagem pregada por ele, deixa de ser uma personagem digna. As representações fazem com que ela necessariamente tivesse que assumir a figura de santa, do choro e da lamentação, sendo que não se sabe do que ela está se arrependendo.

Maria Madalena constitui-se enquanto esta personagem paradigmática. Nesse sentido, a associação à prostituição, e como é encarada pela sociedade, também contribui para a sua estigmatização. Mesmo que os evangelhos canônicos não afirmem que Maria Madalena tenha sido prostituta, a interpretação de Gregório I ganha tamanha força no Ocidente.

Para isso, não bastou que apenas Maria Madalena “pagasse pelo pecado”. A ideia foi estendida ao universo feminino. De certa forma, este é o argumento que justificou a existência das “Lavanderias de Madalena”, instituições católicas permitidas pelo Estado, que existiram pela Europa entre o final do século XVIII ao século XX, o caso da Irlanda do Norte é o que mais perdurou. As instituições eram responsáveis pelo “acolhimento” de mulheres que não se ajustavam à sociedade como se esperava, é o caso de órfãs, mães solteiras e suas filhas, loucas, ladras, mulheres que tinham sido estupradas, prostitutas, etc., que eram presas nesses asilos e realizavam trabalhos forçados. O filme *The Magdalene Sisters (Em Nome de Deus, em português)*, lançado em 2001 e dirigido por Peter Mullan, é inspirado na história das lavanderias (WIKIPEDIA, 2019; GUERINI, s/d).

O Rei dos Reis (1961)

Em *O Rei dos Reis*, Maria Madalena é representada pela atriz Carmen Sevilla. Nesta versão, a personagem é considerada uma pecadora e perseguida por uma multidão, sendo salva do apedrejamento por Jesus. Maria Madalena surge bem-vestida e usando joias, ou seja, não é uma mulher pobre ou humilde. No decorrer da trama, aparece vestida de modo recatado, quando procura a mãe de Jesus em sua casa, na qual não quer entrar porque se diz ser “uma mulher do pecado”. É convencida por Maria de Nazaré, que a convida a cear com ela. Para tanto, Maria de Nazaré lhe conta a parábola da ovelha perdida, em que o pastor larga as demais para procurar a que se perdeu, e quando a encontra, festeja o feito com sua comunidade.

Na continuidade do filme, dirigentes romanos fazem a leitura de um documento, em que ela aparece citada como uma prostituta que vive com Jesus e os apóstolos. Nesta trama narrativa, Maria Madalena não se junta ao grupo de apóstolos, mas aparece associada à figura de Maria de Nazaré. Quando surge próxima a Jesus é acompanhando as mulheres na crucificação. Depois da morte dele, ela permanece próxima ao túmulo, sozinha, passando a noite a zelar pelo seu corpo. Ao amanhecer, encontra apenas as vestes sobre a rocha em que Jesus foi colocado. Dirige-se então a um homem, perguntando para onde levaram seu mestre. Este vira-se e ela vê que é Jesus de Nazaré.

Ao vê-lo, Maria Madalena se dirige a Jesus chamando-o de “mestre”, ao que ele reage pedindo para não ser tocado. Ela então derrama lágrimas ao constatar que Jesus ressuscitou, e ele pede que ela anuncie a seus apóstolos.



Figura 1: Maria Madalena caída ao ser perseguida por multidão. Fonte: *O Rei dos Reis* (1961) [até 58min17s].

Além de atriz, a espanhola Carmen de Sevilla foi cantora, bailarina e apresentadora de TV. Entre as décadas de 1940 e 1970, interpretou diferentes papéis, em filmes como *Love and Desire* (1952) e *À sombra das Pirâmides* (1972), alternando entre o cinema que trata temas contemporâneos, e filmes históricos ou bíblicos (IMDB, Carmen Sevilla). A Revista Cinelândia (RJ), dedicou inúmeras páginas elogiando o talento da atriz, seus trabalhos para além do cinema, cantando e dançando. O destaque sempre vem acompanhado da informação acerca de sua interpretação de Maria Madalena, em *O Rei dos Reis* (1961). As reportagens evidenciam como a atriz é venerada na Espanha, e como este trabalho no filme de 1961, alavanca sua carreira internacional. Nestas reportagens, era evidenciado que a atriz era solteira, o que implicaria que poderia continuar a produzir filmes, pois considerava-se que se viesse a se casar, abandonaria a produção artística. Como pode ser visto no recorte da reportagem abaixo, que aponta que Carmen Sevilla está noiva do chileno Lucho Villar.



Figura 2: Reportagem de Jules Molinaro, intitulada "Adios, Carmen Sevilla". Fonte: Cinelândia, 1960, ed. 194, p.20.

As reportagens trabalham a figura da personagem Maria Madalena, interpretada por Carmen Sevilla como seu alter ego. A título de "Uma nova Madalena", a reportagem de Neme Khoury, na revista Cinelândia (1961, n. 202), abordou o lado solidário de Carmen Sevilla, quando enfatizou seus trabalhos sociais envolvendo crianças, idosos e pessoas mutiladas. A matéria argumentava que mesmo tendo uma carreira internacional no cinema, ela não abandonava antigos hábitos, como cuidar de sua coleção de bonecas, e realizar essas atividades sociais. A reportagem ainda afirma que aqueles que viram a interpretação de Carmen Sevilla como Maria Madalena ressaltaram sua "forma comovedora e humana" (p. 38).

A Maior História de Todos os Tempos (1965)

Em *A Maior História de Todos os Tempos*, surge a cena em que a personagem Maria Madalena é jogada ao chão, está descabelada e tem as vestes desarrumadas e sujas, no contexto em que teria sido flagrada em adultério. Discussões em torno do termo adultério apontam que ele não tinha necessariamente conotação sexual enquanto empregado na narrativa bíblica, seria sim caracterizado como uma forma de agir que contraria o que seria puro e natural. É no contexto de Gregório I, 591 d. C., que relacionar adultério como um pecado de ordem sexual é um entendimento comum. Mas não o era no contexto que teriam vivido as personagens (PEREIRA, 2011).

Na sequência narrativa, o personagem Jesus Cristo a salva do apedrejamento. Neste momento, surge o argumento do Evangelho de João 8: 7, onde teria dito que:

“Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra” (A BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 2006). Na sequência do filme, a personagem surge descansando a sombra de uma árvore com Jesus e os apóstolos. Em outra cena, Maria Madalena aparece unguindo os pés de Jesus com óleo e lhe seca os pés com os cabelos. Não tem muitas falas na trama, em momentos em que está em cena, permanece muda. Nos momentos finais do filme, surge a cena em que a personagem Maria Madalena lembra-se da profecia que diz que o salvador ressuscitaria ao terceiro dia, vai ao túmulo, mas não o vê ressuscitado.

Pode-se estabelecer alguns pontos de comparação da maneira em que a personagem é representada nos dois filmes. Enquanto em *O Rei dos Reis*, Maria Madalena interage diretamente com Jesus ressuscitado, em *A Maior História de Todos os Tempos*, isso não se dá. No entanto, é a personagem de Maria Madalena que traz a informação da ressurreição ao grupo, se não fosse sua dedução, esse entendimento não se daria. A unção de Jesus com óleo, também denota conhecimento, seja pelo reconhecimento de uma profecia, em que Jesus se sacrificaria, ou então, que Maria Madalena pudesse ter condição social mais elevada, ao adquirir uma substância tão cara e refinada. Mesmo não tendo muitas falas no filme de 1965, a personagem tem em sua performance gestual, a evidencia de uma proximidade com Jesus, que também é uma posição de subserviência, ao se ajoelhar e secar os pés de Cristo, e ser solícita e acompanhante.

A situação do apedrejamento é a que introduz a personagem nos dois filmes. É o reconhecimento de que Jesus a salvou, que une os personagens, principalmente quando afirma, em João 8: 10-11: “Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?” Disse ela: ‘Ninguém, Senhor’. Disse então, Jesus: ‘Nem eu te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais’” (A BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 2006). Nos filmes, há a adaptação dessa passagem para a narrativa. Nota-se que ser salva do apedrejamento subordina Maria Madalena a Jesus, visto que a partir dessa passagem ela assumirá a postura de seguidora, mas também, reforça o elo entre eles, pois pelo perdão, ela se torna uma igual. A identificação de Maria Madalena nos filmes, não é a mesma da Bíblia, nela, a mulher acusada de adultério não se chama Maria Madalena⁴.

⁴ A Bíblia de Jerusalém, nos versículos que falam sobre as histórias de Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro (João 11: 2), ou da mulher que Jesus salva de um apedrejamento (João 8: 4), ou da “pecadora” que unge os pés de Jesus e os seca com os cabelos (Lucas 7: 37), em suas notas de rodapé, busca diferenciar as personagens entre si, ou seja, não as considera como sendo Maria Madalena.



Figura 3: Maria Madalena ao lembrar-se da profecia da ressurreição. Fonte: *A Maior História de Todos os Tempos* (1965) [até 3h13min09s].

A intérprete de Maria Madalena em *A Maior História de Todos os Tempos*, Joanna Dunham, foi uma atriz inglesa que realizou trabalhos no cinema, no teatro e na televisão. Participou de filmes como *Van der Walk* (1972) e BBC Sunday-Night Theatre (1950) (IMDB, Joanna Dunham). Durante a produção de *A Maior História de Todos os Tempos*, estava grávida. O jornal brasileiro Diário da Noite, de 7 de agosto de 1963, sob o título de “O baby de Maria”, na sessão “Hollywood sem máscaras”, aborda a gravidez da atriz. No entanto, os autores cometeram o equívoco de dizer que era a atriz que interpretava Maria de Nazaré que estava grávida, em vez de Joana Dunham. Atentaram também, para a questão de o diretor precisar antecipar algumas cenas por conta da gravidez. O diretor George Stevens comentou, em entrevista à Revista Variety, sobre a gravidez de Joanna Dunham: “Bem, Maria Madalena sempre foi uma criadora de problemas” (New York Times, 1963 *apud* WIKIPEDIA, 2018). Na frase do diretor, evidencia-se a postura e o contexto em que o filme de 1965 foi produzido.

Outra questão em torno da personagem no filme *A Maior História de Todos os Tempos*, é o processo de seleção e negociação em torno da atriz que a interpretaria. Nomes de atrizes notórias como Ava Gardner, Elizabeth Taylor, Marilyn Monroe e Jean Simmons foram lembradas para o papel, conforme a imprensa da época. A atriz Elizabeth Taylor, que ainda estava participando das gravações de *Cleópatra* (1963) foi convidada pelo diretor George Stevens. Houveram impasses quanto aos valores do contrato, e a escolha da atriz, bem como a disputa pelo papel, que tornou-se “um dos

mais dramáticos do ano” (Revista Cinelândia, 1961, n. 2012, p. 30). O destaque dado à escolha da atriz pela imprensa junto ao público, fez parte da publicidade e divulgação associadas ao filme que apoiava-se em parte pela imagem das jovens atrizes, incorporadas num padrão de beleza ocidental⁵.

Épicos em disputa

A personagem Maria Madalena, dentro da narrativa fílmica das duas produções, tem pontos que se destacam positivamente, e outros não. Enquanto em *O Rei dos Reis*, a personagem não aparece junto a Jesus e aos apóstolos, em *A Maior História de Todos os Tempos*, passa a acompanhá-los. Nas duas tramas, de maneiras distintas, ela é atrelada ao adultério, ao pecado, ou à prostituição, e muda completamente após o contato com Jesus.

Em *O Rei dos Reis*, há um narrador em *off* contando a história. O personagem Jesus é paciente, contemplativo e observador, parece até não estar presente naquela realidade. Já em *A Maior História de Todos os Tempos*, o personagem Jesus é mais persuasivo e enérgico em suas atitudes, também é observador, mas encabeça mais a ideia de guia, fazendo inúmeros falas às populações.

Nas duas tramas, a centralidade de ação está voltada aos personagens masculinos. Na maior parte das cenas, a interação acontece entre os homens, sendo as mulheres renegadas a um papel secundário, como acompanhantes. Há, por conta disso, um enfoque nos doze apóstolos, ficando Maria Madalena e as demais mulheres afastadas de momentos importantes, como a santa ceia. No filme *O Rei dos Reis*, há mais espaço para a interação de outras mulheres, como o caso de Claudia (Viveca Lindfors), esposa de Pilatos, que se tornará cristã no decorrer da narrativa, ou de Salomé (Brigid Bazlen) e sua mãe, Herodias (Rita Gam). Na narrativa fílmica e bíblica, Salomé é responsável pela morte de João Batista, ao pedir a cabeça dele numa bandeja, em troca de uma dança. No filme, Salomé é uma personagem decidida e que sabe negociar, a cabeça de João Batista é pedida pois ele ofendeu sua mãe, Herodias. Em *A Maior História de Todos os Tempos*, Herodias (Marian Selders) tem poucas falas em cena, e Salomé (o nome da atriz não aparece na listagem das personagens) nenhuma, ela dança unicamente para Herodes em um salão vazio, enquanto João Batista é decapitado. Há duas personagens que não aparecem em *O Rei dos Reis*, Maria de Betânia (Janet Margolin) e Marta (Ina Balin), irmãs de Lázaro. Nos dois filmes, há destaque para Maria de Nazaré. Em *O Rei dos Reis*, além de ter uma cena longa de diálogo com Maria Madalena, Maria (Siobhan Mackena) sabe que Jesus morrerá, quando, em visita a ela, ele diz: “a cadeira terá de

⁵ A respeito dessa questão, ver a tese de Lúcia Carvalho Moreira Dias, intitulada “A Revista do Rádio entre 1953 e 1955 e a Sociedade do Espetáculo” (2019). A dinâmica de abordar a vida de atrizes, atores e suas relações pelas revistas de cinema, também se dava em relação ao rádio, alimentando o público com espetáculos, e criando representações sobre homens e mulheres.

aguardar a minha volta” ela parece ter uma visão, e diz: “a cadeira jamais será concertada” [até 1h53min25s]⁶.

Em jornais como Diário do Paraná (1962), as propagandas de exibição do filme *O Rei dos Reis* (1961), ou as reportagens sobre sua produção, destacaram a grandiosidade do filme e a ideia de que fosse uma produção fiel à narrativa bíblica. Observando o material de imprensa, tem-se a impressão de que houve uma disputa sobre a imagem nas duas produções, o que pode ser constatado pelos comentários de cada um dos filmes. É o caso da opinião de George Stevens, diretor de *A Maior História de Todos os Tempos* (1965), sobre *O Rei dos Reis* (1961), é declarado na reportagem: “Como a maioria dos críticos, Stevens considerou, porém, ‘King of Kings’, como uma produção classe ‘B’, pouco fiel aos fatos bíblicos” (Diário do Paraná, 1961, p.4). O argumento de George Stevens dá evidência de qualidade do filme a partir do que ele considera a fidelidade à narrativa bíblica.

A dimensão épica dessas produções teria a ver com o princípio de monumentalidade associada aos dramas religiosos levados à tela nesse período pelo cinema. A princípio, essa ideia era perseguida pelos diretores e grades estúdios, porque aparentemente atraía um grande público. Sucessos de bilheteria, como *Ben-Hur* (1959), e *Cleópatra* (1963), estão associadas a épicos que dialogam com narrativas bíblicas ou com a história tradicional. De acordo com Menezes (2016), as narrativas tinham como base a disputa entre o bem e o mal, sendo os mocinhos e mocinhas representados como “virtuosos” e “castos”, enquanto os vilões e vilãs eram tidos como “depravados”, a representação dos homens como homossexuais, bissexuais ou efeminados têm juízo de valor negativo, e das mulheres como “pagãs” e “sedutoras”, um arquétipo muito comum para o feminino. Grécia e Roma foram priorizadas em detrimento do Egito e Mesopotâmia, por exemplo. Sendo que os romanos eram ainda mais representados que os gregos. O autor ainda atenta para o contexto da Guerra Fria, nas produções desses filmes, nas narrativas havia indivíduos que vinham de fora, e “salvavam” determinado povo do despotismo, justificando a ideia de intervenção dos EUA em outros lugares, principalmente sob influência soviética (MENEZES, 2016). Essa forma de representação, vai ao encontro da ideia de mundo livre, e de poder, sendo a forma e extensão do império romano espelhada à influência e poderio dos EUA.

Os épicos, que trabalhavam com histórias de conhecimento público, tinham por meio das escolhas que envolviam a produção, direção e roteiro, a projeção de ideais que tinham a ver com o universo masculino, sendo este espaço assumido pelos homens em sua maioria. Isso permite o entendimento sobre a construção das personagens femininas de maneiras muito próximas, nas produções do século XX e início do século XXI. Vádico (2005) comenta sobre a personagem Maria Madalena, interpretada pela atriz Jaqueline Logan em *Rei dos Reis* (1927), que foi dirigido por Cecil B. DeMille, como tendo formato que influenciou profundamente as produções posteriores, sendo uma personagem sensual inserida num ambiente excêntrico.

⁶ Para mais explanações acerca da figura de Maria de Nazaré no cinema, ler a dissertação de Rodolpho Alexandre Santos Melo Bastos (2016), intitulada “A reinvenção do mito mariano a enviginação dos filmes de Cristo no cinema e o imaginário feminino”.

A Revista Cinelândia, ao trazer as atrizes em suas capas, e abordar elementos de suas vidas pessoais atrelados a seus trabalhos, provoca diferentes níveis de fascínio em homens e mulheres sobre as figuras representadas. E também contribui para a disputa entre os filmes ao trazer informações sobre as duas produções, na maioria das vezes na mesma página.



Figura 4: Imagem da atriz Brigid Bazlen como Salomé, personagem que interpretou em *O Rei dos Reis* (1961). Fonte: CINELÂNDIA, ed. 192, 1961, p. 23.

● Liz Taylor, que receberá um milhão de dólares por Cleópatra, está propensa a aceitar a oferta de George Stevens para ser a Maria Madalena em seu próximo filme, *The Greatest Story Ever Told* — por um salário mínimo de 100 dólares por dia.

Quase todos os papéis coadjuvantes neste filme de 10 milhões de dólares serão representados por grandes astros ao mesmo preço.

Liz geralmente nem se dá ao trabalho de estudar ofertas desta natureza, mas Stevens é o homem que a tornou atriz, há 10 anos, em *A Place In the Sun* (*Um Lugar ao Sol*), e dirigiu-a também num dos seus maiores sucessos, *Giant* (*Assim Caminha a Humanidade*).

Figura 5: Texto informando a proposta feita a Elizabeth Taylor para que interpretasse Maria Madalena em *A Maior História de Todos os Tempos* (1965). Fonte: CINELÂNDIA, ed. 192, 1961, p. 23.

Informações sobre o dois filmes estão na mesma página da edição 192 da revista Cinelândia. Com Brigid Bazlen ocupando um lugar de destaque no canto inferior esquerdo. Ao observar os trabalhos e as vidas das atrizes, dos casais de atores ou de pessoas de classe alta, havia, nas pessoas comuns, o espelhamento e o desejo àquilo que não era comum. E as estrelas não tinham nada de comum, assumiam um caráter

mitológico, como se fossem semideusas (Morin, 1989), “sua vida privada é pública, sua vida pública é publicitária, sua vida na tela é surreal, sua vida real é mítica” (p. 15).

O *espaço de experiência* das atrizes, corresponde a esse lugar do incrível, só se atinge “sucesso” ao assumir ao posto de mito, que também as torna mercadoria. Não há nada da vida de uma estrela que não possa ser vendido, qualquer detalhe, seja uma parte do corpo ou uma lembrança da vida. As figuras divinas também não gastam seu esplendor quando multiplicadas pela imprensa, quanto mais isso acontece, mais há valor de mercado (MORIN, 1989).

Maria Madalena (2018)

Mas o que parece diferenciar a produção de 2018 sobre Maria Madalena, das demais analisadas aqui? Maria Madalena é personagem principal do filme, o olhar se estende dela para a situação de outras mulheres. O contexto das atrizes e seus *horizontes de expectativa*, são decisivos para essa questão. No momento, o olhar será direcionado para Rooney Mara, a atriz que interpretou Maria Madalena neste filme.

Rooney Mara é uma atriz estadunidense. Foi protagonista num filme independente chamado *Os Segredos de Tanner Hall* (2010). Indicada ao Globo de Ouro de Melhor Atriz em Filme Dramático, por *A Garota com Tatuagem de Dragão* (2011). Seu trabalho no filme *Carol* (2015), onde interpretou a personagem Therese também foi indicado a vários prêmios. Trabalhou com o diretor Garth Davis, que dirigiu *Maria Madalena* (2018), no filme *Lion – Uma Jornada para Casa* (2016). A atriz fundou uma instituição de caridade chamada “Faces of Kibera”, que fornece alimento, habitação e atendimento de saúde a crianças pobres em Nairobi (Quênia) (WIKIPEDIA, 2020a).



Figura 6: Rooney Mara como Maria Madalena. Fonte: *Maria Madalena* (2018) [até 38min27s].

A imagem da personagem Maria Madalena sorrindo levemente ao conversar com Judas, sequencia de que a figura 6 foi retirada, indica um tom diferente à narrativa sobre sua vida. O filme se baseia, além da Bíblia, no apócrifo “Evangelho de Maria Madalena”, que é datado do século II a III d. C. O texto só foi publicado junto com outros escritos da biblioteca de Nag Hammadi, em 1977 (TOGNERI, 2006). O evangelho, que tem vários trechos faltantes, aborda a fala de Maria Madalena com alguns apóstolos de Jesus Cristo. Nele, Maria Madalena se propõe a contar ensinamentos que lhe foram passados por Jesus, e que os demais apóstolos desconhecem. Após suas explicações, que são consideradas complexas pelos presentes, há uma discussão em torno da ideia de Jesus Cristo ter preferido Maria Madalena ao invés deles.

A cinebiografia de 2018 apresenta questões do presente em relação ao espaço das mulheres em sociedade, e lança olhares sobre a figura de Maria Madalena, permitindo que se pense os desafios da personagem em seu contexto. Maria Madalena não se sente confortável com um casamento arranjado, e por isso decide abandonar sua família e acompanhar Jesus e os demais apóstolos. “Eu não nasci para esta vida”, diz a personagem. Após seguir com o grupo, ela precisa lidar com o preconceito de ser a única mulher com um grupo de homens, e um dos apóstolos, Pedro, não gosta da presença dela. Ao longo da narrativa vão sendo feitas muitas descobertas, como o medo das mulheres de serem batizadas pelos homens, e Maria Madalena é fundamental na questão, fazendo este trabalho. As violências a que as mulheres são muitas vezes submetidas, vão aparecendo, como na conversa de Suzana com Jesus, em que ela comenta sobre o estupro e o assassinato de uma mulher que traiu o seu marido. Maria Madalena desenvolve um laço importante com Jesus, procurando verdadeiramente entendê-lo, questão que fica diluída entre os apóstolos, que tem compreensões sobre o reino de Deus que fogem à realidade.

A narrativa do filme de 2018 se destaca dos demais por Maria Madalena não ser colocada como pecadora e por sua vida não se resumir ao arrependimento. Na narrativa fílmica, após a ressurreição, ela conversa com os apóstolos sobre o que aconteceu, mesmo com alguns duvidando de sua palavra, ela resolve que quer passar adiante a mensagem de Jesus, desejando ser porta-voz direta para o mundo, com uma mensagem própria, na busca de ser ouvida.

Entendidos os equívocos sobre a união de várias personagens distintas como sendo Maria Madalena e sua transformação em pecadora e arrependida, no presente surgem narrativas que buscam criar uma história diferente para ela, uma mulher simples que larga tudo para viver o que escolheu. Por mais que rompa com o estigma a que a personagem foi submetida por séculos, por meio da narrativa fílmica, a cinebiografia de 2018 mantém traços estabelecidos nas representações anteriores. Como o fato de Maria Madalena ser uma personagem jovem e branca. Sendo as produções fílmicas realizadas no Ocidente, considera-se também um padrão de representação neste contexto, que se destoa do Oriente, de onde a personagem estaria inserida.

O perfil da atriz que interpreta Maria Madalena no filme de 2018, Rooney Mara, é diferente das da década de 1960, principalmente de Carmen Sevilla, que se inseria dentro de um circuito midiático maior, como cantora, bailarina e apresentadora de TV. Rooney Mara se posiciona de maneira crítica em relação aos discursos sobre Maria

Madalena. “Ela é incrivelmente radical para o seu tempo. [...] Teria sido totalmente chocante e inédito para uma mulher sair com um grupo de homens, deixando sua família”, comentou a atriz em entrevista à revista *Harper’s Bazaar* (ALEXANDER, 2018). Ela continua afirmando que: “Muitas pessoas não sabem que ela era uma figura tão importante. Eu não sabia disso e fui para a escola católica – eu pensei que sabia disso”, comenta ao constatar o erro que foi ocultarem quem realmente teria sido Maria Madalena, e como foi errado não terem contado sua história, apenas resumindo-a à prostituição e ao arrependimento (ALEXANDER, 2018).

Mara deixa a entender que frequentou uma escola católica, a atriz tem ascendência italiana e irlandesa. O filme também pode ter, em parte, católicos como público-alvo, visto a figura de Maria Madalena ser santa dentro do catolicismo, e ao destaque dado pelo papa Francisco em 2016, ao retomar o termo “apóstola dos apóstolos” referindo-se à personagem. Mas como o debate trazido pelo filme de 2018 também se desenvolve em torno da proposta de recontar a história da personagem e apontá-la como presença feminina significativa no passado, há interesse em um público para além do religioso.

Considerações finais

Os apontamentos trazidos sobre a representação de Maria Madalena em diferentes filmes: *O Rei dos Reis* (1961), *A Maior História de Todos os Tempos* (1965) e *Maria Madalena* (2018), sinalizam para considerar que a representação da personagem sempre foi destacada, tida como um dos papéis mais importantes a ser representado. O enfoque midiático dado à escolha da atriz que a representaria, além de reforçar um padrão de feminilidade na década de 1960, ao escolher atrizes que tinham determinadas características e comportamentos, também contribuía para que a presença de Maria Madalena na história de Jesus fosse considerada imprescindível.

A representação de Maria Madalena como prostituta e penitente, remonta à antiguidade e medievo ao considerar a interpretação de Gregório I, que influenciou o Ocidente cristão e permanece até o presente. É essa forma de interpretação que está presente nos filmes *O Rei dos Reis* e *A Maior História de Todos os Tempos*, em que Maria Madalena tem de conviver com o espectro de seu passado como “pecadora”, mas as ações de Jesus em torno dela, sua aceitação e defesa, diante da sociedade e dos apóstolos, cria um elo entre ambos, que anda num sentido inverso ao desprezo e à condenação, tornando-a significativa e necessária para a continuidade do cristianismo.

No contexto de produção desses dois filmes, há a utilização da Bíblia como material de referência incontestável. O “Evangelho de Maria Madalena”, publicado em 1977, foi material de referência para o filme *Maria Madalena* (2018). Seu reconhecimento no presente e identificação como texto da antiguidade, permite que sejam elaboradas novas versões sobre Maria Madalena, e que a versão do arrependimento e da penitência sejam contestadas.

A análise fílmica caminha junto à análise histórica a partir do momento que relacionam-se as fontes (matérias da “Revista Cinelândia” e jornais brasileiros como “Diário da Noite”) com o objeto (os filmes), permitindo que se construam diferentes

olhares sobre as produções e seus contextos. Para isso, as discussões sobre as estrelas de cinema (MORIN, 1989), a construção de padrões de representação sobre as mulheres (DESPENTES, 2016), a construção do imaginário sobre o feminino na antiguidade e medievo (SIQUEIRA, 2003) estiveram presentes, bem como as noções de representação social (JODELET, 2002) e de *espaço de experiência e horizonte de expectativa* (KOSSELECK, 2006).

São diversas as discussões em torno da figura de Maria Madalena no campo artístico, sua presença no cinema também é emblemática. Entender alguns dos desdobramentos das interpretações sobre ela pela linguagem cinematográfica foram algumas das intenções deste trabalho. O questionamento às narrativas tradicionais sobre a personagem levantado pela cinebiografia de 2018, fomenta que ainda mais discussões sejam feitas em torno dela, e o incômodo de mídias conservadoras⁷ com narrativas que não têm a Bíblia como referência, demonstra o quanto discutir sobre a personagem e sua relação com o passado, o presente, e o futuro, é necessário para a sociedade.

Referências

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1985.

ALEXANDER, Ella. Rooney Mara: ‘Mary Magdalene was a profound, radical feminist’. *Harpers Bazaar*, 14 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.harpersbazaar.com/uk/culture/culture-news/a19433295/rooney-mara-mary-magdalene-interview/>> Acesso em 17 mar. 2020.

A MAIOR história de todos os tempos. Direção de George Stevens. EUA: MGM, 1965. 1 DVD (260 min.): AVI, son., color, Dublado Port.

BASTOS, Rodolpho Alexandre Santos Melo. A reinvenção do mito mariano a envaginação dos filmes de Cristo no cinema e o imaginário feminino. 2016. 134f. *Dissertação* (Mestrado em História), Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2016.

BLANCO, Patrícia R. Maria Madalena era “uma mulher rica”, não uma prostituta. *El País*, Madri, 03 ago. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/02/cultura/1533237261_768771.html> Acesso em: 02 nov. 2019.

CINELÂNDIA. Show business. Rio de Janeiro, ed. 192, p. 22-23, nov. 1961. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 13 mar. 2020.

DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. São Paulo: n-1 edições, 2016.

DIÁRIO DO PARANÁ. Hollywood sem máscara. Curitiba, 16 de dezembro de 1961, p. 4. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 11 mar. 2019.

⁷ Ver Gospel Prime (2018), onde está presente a ideia de que pastores desaconselharam membros de sua igreja a verem o filme *Maria Madalena* (2018), por este ser um “revisionismo feminista da Bíblia”.

DIAS, Lucia Carvalho Moreira. A Revista do Rádio entre 1953 e 1955 e a Sociedade do Espetáculo. 2019. 241 f. *Tese* (Doutorado em Comunicação), Universidade Paulista, São Paulo, 2019.

GOSPEL PRIME. Filmes que distorcem a Bíblia são fracasso de bilheteria. *S/1*, 22 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.gospelprime.com.br/filmes-que-distorcem-a-biblia-sao-fracasso-de-bilheteria/>> Acesso em: 26 mar. 2020.

GUERINI, Elaine. O inferno das irmãs de Madalena. *Trópico*, s/d. Disponível em: <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/1717,1.shl>> Acesso em: 17 mar. 2020.

G1. “Max Von Sydow, ator de 'O Exorcista' e 'O Sétimo Selo', morre aos 90 anos”. *G1*, Cinema, 09 mar. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2020/03/09/max-von-sydow-ator-de-o-exorcista-morre-aos-90-anos.ghtml>> Acesso em: 17 mar. 2020.

IMDB. *A Maior História de Todos os Tempos*. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0059245/?ref_=rvi_tt> Acesso em: 19 mar. 2020.

_____. *Carmen Sevilla*. Disponível em: <https://www.imdb.com/name/nm0786443/?ref_=nv_sr_srsrg_0> Acesso em: 19 mar. 2020.

_____. *Joanna Dunham*. Disponível em: <https://www.imdb.com/name/nm0242280/bio?ref_=nm_ov_bio_sm> Acesso em: 19 mar. 2020.

_____. *Rei dos Reis*. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0055047/?ref_=nv_sr_srsrg_0> Acesso em: 19 mar. 2020.

INGLIS, Ian. Popular music history on screen: the pop/rock biopic. *Popular Music History*, vol. 2, p. 77-93, 2007. Disponível em: <<https://booksc.xyz/book/42672652/c9e9ef>> Acesso em: 17 mar. 2020.

JODELET, Denise. “Representações sociais: um domínio em expansão”. In: JODELET, Denise (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ, 2002. p. 17-44.

JUNIOR, J. Consiglio; BRITO, Dulce Damasceno de. Hollywood sem máscaras. *Diário da Noite*, São Paulo, 7 de agosto de 1963, p. 10. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 11 mar. 2020.

KHOURY, Neme. A nova Madalena. *Cinelândia*, Rio de Janeiro, 1961, ed. 202, p. 38-39. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 13 mar. 2020.

KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência e horizonte de expectativa”. In: KOSELECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RJ, 2006, 305-327.

LARANJEIRA, Delzi Alves. “Maria de Magdala: divinamente humana em O Evangelho segundo Jesus Cristo”. In: FERRAZ, Selma. (Org.). *Maria Madalena: Das páginas da Bíblia para a ficção*. Maringá: Eduem, 2011.

MARIA Madalena. Direção de Garth Davis. Roteiro de Philip Goslett e Helen Edmundson. Inglaterra, EUA, Austrália: See-Saw Films, Porchlight Films, Universal Pictures, 2018. 1 DVD (120 min.): AVI, son., color, Legendado Port.

MENEZES, Victor Henrique da Silva. Capas, Espadas e Sandálias: o mundo antigo por meio das telas. *Revista Mundo Antigo* (NEHMAAT-UFF/PUCG), Campos dos Goytacazes (RJ), a. 5, vol. 5 n. 10, p. 155-180, jun. 2016. Disponível em: <<http://www.nehmaat.uff.br/revista/2016-1/artigo07-2016-1.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2020.

MOLINARO, Jules. Adios, Carmen. *Cinelândia*, Rio de Janeiro, ed. 194, dez. 1960, p. 20. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 13 mar. 2020.

MORIN, Edgar. *As estrelas: mito e sedução no cinema*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

NEW YORK TIMES. *Biblical Story Before Cameras*. 9 fev. 1963. apud WIKIPEDIA. Joanna Dunham, 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Joanna_Dunham> Acesso em: 13 mar. 2020.

PEREIRA, Maria Fernanda. Maria Madalena e o feminino na construção da Igreja Católica. 2011. 82 f. *Dissertação* (Mestrado em Ciência Sociais), Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

REI dos reis. Direção de Nicholas Rey. Roteiro de Philip Yordan. EUA: Samuel Bronston Productions, 1961. 1 DVD (168 min.): AVI, son., color, Dublado Port.

SIQUEIRA, Silvia Márcia Alves. “A efervescência discursiva sobre as mulheres nos movimentos marginais do cristianismo primitivo e as respostas da patrística”. In: FUNARI, P. P. A.; FEITOSA, L. C.; SILVA, G. J. da. (Orgs.). *Amor, desejo e poder na Antiguidade: relações de gênero e representações do feminino*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 375-390.

TOGNERI, Silvia Regina Nunes da Rosa. Maria de Mágdala, testemunho e anúncio. 2006. 58f. *Especialização em Assessoria Bíblica*, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS, 2006.

VADICO, Luiz. O épico bíblico hollywoodiano: o espetáculo como estética da salvação. *Rebeca*, a. 1, n. 2. 2012. p. 66-97. Disponível em: <<https://rebeca.socine.org.br/1/article/view/42/9>> Acesso em 26 mar. 2018.

_____. A Imagem do Ícone – Cristologia Através do Cinema: Um estudo sobre a adaptação cinematográfica da vida de Jesus Cristo. 2005. 326 f. *Tese* (Doutorado em Multimeios), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005.

WIKIPEDIA. *Asilo de Madalena*, 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Asilo_de_Madalena> Acesso em: 17 mar. 2020.

_____. *Evangelho de Maria*, 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Evangelho_de_Maria> Acesso em: 25 mar. 2020.

_____. *Rooney Mara*, 2020a. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Rooney_Mara> Acesso em: 17 mar. 2020.

_____. *The Greatest Story Ever Told*, 2020b. Disponível em:
<https://en.wikipedia.org/wiki/The_Greatest_Story_Ever_Told> Acesso em: 17 mar. 2019.